

ENTRE A PRAÇA UNIVERSITÁRIA E O CAMPUS DA UFG: OBSERVAÇÕES SOBRE UMA PROPOSTA DE LAZER COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO NA CIDADE DE GOIÂNIA¹

BETWEEN THE UNIVERSITY PLACE AND CAMPUS UFG:
OBSERVATION IN THE LEISURE ACTIVITIES WITH CHILDREN
AND ADOLESCENT UNDER A SITUATION OF RISK IN GOIÂNIA

Gustavo Coppola²
Marcos Griffa³
Nicolás Koconós⁴

RESUMO: Este texto procura relatar a experiência de acompanhamento e observação da intervenção no campo do lazer com crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social, desenvolvida pelo Projeto Agente, na cidade de Goiânia. Trata-se de uma iniciativa resultante da proposta de cooperação e intercâmbio firmado entre o Instituto del Profesorado en Educación Física de Córdoba/Argentina e a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer, educação, infância, juventude

À Guisa de uma Introdução

Um santafesino, um saltenho e um portenho, adotados e adaptados como cordobenses⁵, estivemos em Goiânia, em outubro e novembro de 2000, onde fomos

1 Traduzido por Fernando Mascarenhas.

2 Docente da disciplina Jogo no Instituto del Profesorado en Educación Física - IPEF (Córdoba) e no Instituto San Miguel - Fundación Movimiento (Córdoba). Docente da disciplina Problemática do Tempo Livre e Recreação no Curso Técnico em Recreação da Fundación Baruch Spinoza (Córdoba). Licenciado em Educação Física. E-mail: gustavo_coppola@yahoo.com.

3 Professor da disciplina Jogo e Recreação no Instituto del Profesorado en Educación Física - IPEF (Córdoba). Docente da disciplina Sociologia Aplicada ao Tempo Livre no Curso Técnico em Recreação da Fundación Baruch Spinoza (Córdoba). Educador da Biblioteca Popular Bella Vista (Córdoba). Licenciado em Recreação e Tempo Livre. E-mail: retrucogriffa@yahoo.com.

4 Coordenador da Murga La Cayetana (Rio Ceballos). Responsável por murgas, teatro de fantoches e outras atividades artístico-recreativas populares. Licenciado em Recreação e Tempo Livre. E-mail: nicolaskoconos@yahoo.com.ar.

5 Saltenho: oriundo da Província de Salta, noroeste da Argentina. Santafesino: da Província de Santa Fé, centro-oeste do país. Portenho: refere-se às pessoas nascidas na cidade de Buenos Aires, Capital Federal da República. Cordobenses: da Província de Córdoba, na região central do país.

recebidos por paulistas, cariocas, catarinenses, goianos e tantos outros brasileiros, com os quais pudemos compartilhar situações que cotidianamente nos identificam e nos diferenciam. Dividimos a experiência de trabalho nos projetos Agente e Ginga, intervenções sócio-educativas desenvolvidas na cidade de Goiânia, a partir das quais, através de atividades de lazer, intenta-se promover um pensamento crítico a respeito de um dos setores mais desprotegidos nas sociedades capitalistas ao sul deste mundo, as crianças e adolescentes em situação de rua.

Ao nosso regresso à Argentina, elaboramos mais acabadamente aquela idéia de que o Mercosul jurídico-político distancia-se em muito do cone-sul real, assim como o significado formal ou oficial do termo América Latina, identifica-se muito mais pelas necessidades e problemáticas sociais comuns aos nossos povos do que pelos entes multilaterais organizados em função do capital. Como diz GIORGIS (1994), se a identidade de um povo tem a ver com sua consciência local e histórica, podemos concluir que o vivenciado e compartilhado nesta experiência, permitiu aos seus protagonistas, argentinos e brasileiros, construir um pedaço do cone-sul real e da latino-América autêntica. Isso foi feito a partir do respeito e do trabalho, mas, sobretudo, por termos nos permitido, a todo tempo, aprender uns com os outros, fosse qual fosse o cenário da ação de cada ator social envolvido.

O jogo, a recreação, a murga⁶, a capoeira, os meninos e meninas de rua, os pequenos trabalhadores etc, foram as temáticas, as pessoas e as ações que nos uniram. A convivência, as refeições, o teatro, a rua, as discussões, o futebol e o trabalho fizeram de nós um coletivo. Esta sensação de pertencimento se originou da experiência que neste texto buscamos relatar, esperando que as considerações aqui contidas se constituam em uma contribuição para empreendimentos comuns e para a luta cotidiana pela emancipação de nossos povos.

Nosso Contato com Goiânia e a UFG

Nossa chegada em Goiânia foi precedida por um grande esforço de mobilização para conseguirmos nossas passagens que, por seu valor, pareciam-nos impossíveis de serem adquiridas. A ação da Prof^a. Angélica Sturich, a grande ajuda de David Brignole, do Lic. Sergio Fajn, do Instituto del Profesorado en Educación Física de Córdoba, da Cooperativa deste Instituto, do Núcleo de Investigación em Educação Física, através de sua coordenadora, a Prof^a. Estela Sabas, de Tarjeta Naranja, através de seus representantes em Córdoba, e de outros amigos, tornaram possível nossa viagem.

A cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás, com aproximadamente um milhão de habitantes, situa-se no que se conhece por planalto central brasileiro. Exceto pela organização de suas ruas, suas edificações e seu desenho, encontramos muita coisa em comum com a Grande Córdoba. Podemos dizer que ambas as cidades

⁶ A murga é uma importante expressão da cultura Argentina, cuja manifestação origina-se historicamente da antiga organização de blocos carnavalescos, constituindo-se, portanto, como conteúdo possível no trato com o lazer (N.T.).

são, ao mesmo tempo, tão diferentes e tão parecidas que, em muitos momentos, familiarizando-se rapidamente com seus espaços e significados, deixamos de ser surpreendidos por aquela sensação de estranhamento comum a qualquer visitante em território estrangeiro.

Em Goiânia, localizam-se algumas universidades, dentre as quais nossa parceira nesta iniciativa de intercâmbio, a Universidade Federal de Goiás (UFG). No campus desta instituição – distante trinta minutos do centro da cidade –, situam-se várias faculdades, dentre as quais a Faculdade de Educação Física (FEF), aonde trabalhamos naqueles dias de outubro e novembro de 2000. Nossos alojamentos não foram os mesmos. Gustavo Coppola ficou muito próximo ao campus da UFG, recebido por Ari Lazzarotti Filho (Guego), professor da FEF, em sua residência. Nicolás Koconós e Marcos Griffa foram para a Casa do Estudante Universitário (CEU), na Praça Universitária, bem próxima ao centro da cidade. As condições de nossa permanência foram magníficas. Na FEF, que, para além do alojamento, responsabilizou-se por nossa alimentação e transporte diário, pudemos dispor de toda a estrutura necessária ao nosso trabalho. Cabe destacar que os colegas desta instituição encarregaram-se, ainda, por nos possibilitar o acesso frequente a variados espaços de cultura e lazer em sua sempre receptível companhia.

Enfim, podemos recordar o apego e todo esforço empreendido para que nos sentíssemos bem durante toda nossa estada em Goiânia, uma cidade fundada nas primeiras décadas do século, dotada de uma planificação cujos aspectos permitem observar a amplitude de suas ruas, o traçado de grandes avenidas, o rápido fluxo de trânsito, o bom sistema de transporte coletivo, as variadas arquiteturas e a manutenção de vastas áreas verdes, mas contando também com suas inúmeras contradições. Pois ali estávamos, realizando um sonho por meio de uma proposta de intercâmbio em que o lazer, a cultura e a educação reuniam-se como dimensões de uma mesma busca, convergindo para um projeto de desenvolvimento mais justo e inclusivo dos setores marginalizados pelo presente contexto social, político e econômico em que se inserem nossas cidades, tanto brasileiras como argentinas.

Sobre a Proposta de Observação

O desenvolvimento de nossa proposta de observação externa do Projeto Agente foi construída mediante um processo de intercâmbio que só se tornou possível em face do planejamento integrado de nossas ações, precedido por um longo e prévio diálogo para a viabilidade de sua execução. Os objetivos e tarefas foram definidos/fundamentados a partir de um projeto base de cooperação entre a FEF/UFG e o IPEF/Córdoba. A intenção deste empreendimento foi a de abordar, por meio de uma observação participante, a problemática do lazer como prática social e pedagógica junto aos setores socialmente excluídos que habitam a cidade de Goiânia.

O Projeto Agente, bem como o Projeto Ginga⁷, implementados a partir de uma parceria entre a FEF/UFG e a Fundação Municipal de Desenvolvimento Comunitário (FUMDEC) – autarquia vinculada à Prefeitura de Goiânia –, intervêm junto aos programas de proteção à infância e adolescência desta mesma cidade, em uma rede de atendimento que, conforme a apresentação de MASCARENHAS (2000), pode ser caracterizada pelo conjunto e articulação das seguintes unidades:

- SOS criança – unidade composta por uma equipe técnica multiprofissional que atua na garantia e defesa de direitos, atendendo crianças e adolescentes vítimas de abandono, violência sexual, maus tratos etc, encaminhando-as a outras unidades ou às suas famílias;
- Casa 24 horas – unidade que atende aos meninos de rua encaminhados pelas equipes do SOS criança, pelo Juizado da Infância e Adolescência ou pelos Conselhos Tutelares;
- Casa das Flores – unidade que atende às meninas em situação de rua e/ou prostituição infantil, assegurando-lhes o direito de residirem em um ambiente onde são desenvolvidas atividades sócio-educativas;
- Centro de Atenção à Criança e ao Adolescente (CEACA) – unidade que trata da problemática dos adolescentes trabalhadores na rua, preocupando-se com a sua inserção no mercado formal de trabalho.

Com referência em nossa proposta de observação, participamos de atividades junto a ambos os projetos, como o acompanhamento de reuniões de planejamento, de reuniões de avaliação, de práticas de lazer desenvolvidas nas unidades e de oficinas de ritmos e expressões afro-brasileiras. Como coordenadores, ministramos uma conferência sobre jogo, um seminário sobre experiências de lazer em restaurantes populares e instituições carcerárias, e oficinas de murga, tanto para estudantes da FEF como para os educadores e meninos e meninas em situação de rua. Foi assim que, partindo de nossa proposta inicial e em função das primeiras experiências vivenciadas em Goiânia, algumas interrogações apareceram, merecendo destaque o seguinte questionamento: Uma intervenção no campo do lazer com setores desprotegidos/excluídos pode promover junto aos seus sujeitos a consciência das condições sociais que os cercam gerando mudanças?

Podemos dizer que fomos persuadidos, com base nas variadas experiências que se seguiram e em contato com o concreto das atividades, uma vez que nos foi permitido julgar e avaliar os projetos na totalidade de suas relações, a acreditar que a promoção da conscientização e a formação de um pensamento crítico entre estes jovens e adolescentes é algo possível, o que pode ser construído também a partir de uma intervenção no campo do lazer. Entretanto, ao refletirmos mais demoradamente sobre a idéia de conscientização, na esteira daquilo que apontava FREIRE (1980), não podemos desconsiderar que o sistema capitalista e as idéias liberais e neoliberais

⁷ Como desdobramento do Projeto Agente, o Projeto Ginga desenvolve atividades sócio-educativas de lazer no âmbito específico do conteúdo capocira e ritmos afro-brasileiros.

que o nutrem, habitualmente não permitem que esta mesma consciência se desenvolva na direção da emancipação real e definitiva dos atores envolvidos na proposta.

E para que a apresentação dos atores a que estamos nos referindo não fique por demais incompleta, passaremos a tecer alguns comentários a seu respeito:

- as crianças e adolescentes em situação de rua que, em condições paupérrimas de vida, são assistidas pelas unidades que compõem a rede de proteção anteriormente apresentada;
- os educadores sociais de rua – vinculados à estrutura da FUMDEC – que, muitas vezes sem formação específica, são quem mais convivem com as crianças e adolescentes e, em determinados momentos, atuam como mediadores em situações de extrema violência, o que exige muita disciplina e rigor de seu trabalho;
- os educadores populares do Projeto Ginga, com formação em atividades como a capoeira e manifestações afro-brasileiras, provenientes de setores periféricos e até marginais, que não possuem estudos específicos e/ou escolarização – salientamos que sua origem social lhes permite incluir códigos comuns no diálogo educador-educando;
- os coordenadores dos projetos, por parte da FEF e pela FUMDEC;
- os coordenadores de atividades, estes últimos, em sua maioria, estudantes da FEF que, inseridos nas diferentes unidades, conferem materialidade à intervenção.

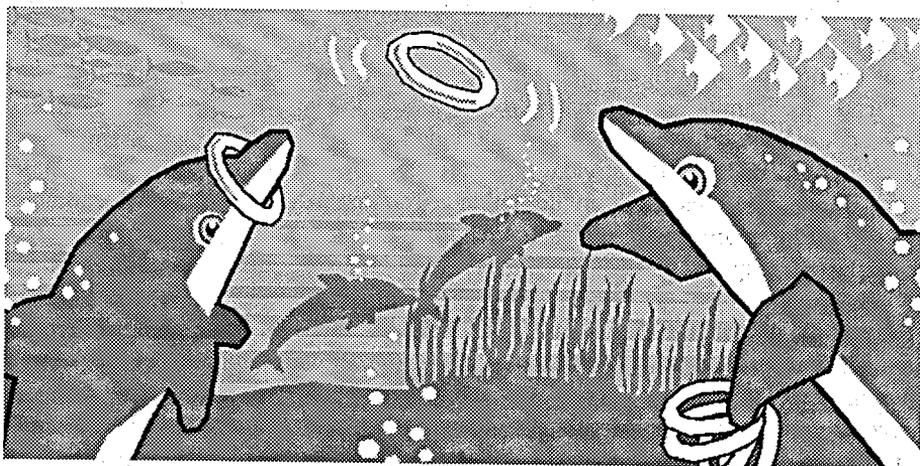
Em ambos os projetos, os coordenadores de atividades e educadores populares, responsáveis diretos pelas atividades de lazer com as crianças e adolescentes em situação de rua, bem como os coordenadores dos projetos, pautam-se pela resignificação crítica e permanente da proposta, subsidiados, a cada encontro, pelas planificações, registros de dados, anotações de campo, avaliações etc. Portanto, o rigor e o compromisso inerentes a todo este processo favorecem a formação profissional dos estudantes – ou seja, dos coordenadores de atividades – e a operacionalização de um caminho possível para a qualificação, envolvimento e mobilização dos educadores populares⁸.

Observando e participando ativamente da experiência, nosso principal questionamento referia-se sobre qual o seu resultado entre os atores destinatários – isto é, as crianças e adolescentes em situação de rua. Não nos cabia nenhuma dúvida sobre o seu efeito entre os estudantes – ou seja, coordenadores de atividades – e os educadores populares, pois a qualidade alcançada pela ação concreta dos projetos permite o seu respectivo desenvolvimento e/ou crescimento pessoal e coletivo como educadores, o que por sua vez facilita a consolidação destas propostas.

⁸ Pudemos vivenciar como estes educadores populares que não ascenderam a níveis de educação escolarizada média ou superior, por vezes originários e/ou vítimas das mesmas situações em que estão inseridas os meninos e meninas de rua, trabalham no âmbito da universidade como atores docentes do Projeto Ginga, tendo respeitado e/ou valorizado o seu saber e manifestando um crescente compromisso. Alguns voltaram a estudar e outros pensam até em como vão futuramente ingressar na FEF. Enfim, seu trabalho se conjuga com sua própria formação, alcançando um nível de complexidade onde o educar e ser educado partem de uma mesma ação.

Mais ainda ficava a pergunta: Qual o verdadeiro alcance dos projetos entre as crianças e adolescentes em situação de risco? Constatamos como são trabalhados a autoestima, a solidariedade, a cooperação, a dignidade e cada valor deteriorado e violado, portanto, desconhecido por estes sujeitos cuja idade deveria permiti-lhes outras formas de vida, com a absoluta garantia de direitos e respeito à sua condição infantil ou juvenil.

No Projeto Agente, com o desenvolvimento das atividades, seus próprios protagonistas são convidados e estimulados a problematizar os conteúdos vivenciados – privilegiando-se o jogo⁹ –, o que permite a promoção da reflexão crítica sobre as atitudes presentes, sobre as bases conceituais e sobre os procedimentos e ações de cada ator frente ao jogar. Nas atividades observadas, a maioria dos jogos tem componentes cooperativos, imbuídos pela própria essência do jogo como o divertimento, a alegria e a participação coletiva.



Aqui voltam a surgir outras interrogações que não podemos deixar de dividir, expressa pela seguinte pergunta: Que relação ou proximidade estes projetos guardam com o Estado e os setores organizados da sociedade civil? Se esses sujeitos têm sua pauperização provocada pelo sistema em questão, com sua economia e políticas excludentes – apesar de que é a partir do Estado que estes projetos se financiam –, nem este modelo de Estado, como ocorre na maioria dos países latino-americanos, nem muito menos o sistema capitalista vigente, através dos chamados organismos multilaterais, procuram criar verdadeiros espaços de promoção que pressuponham a inclusão destes jovens sujeitos, assim como de suas famílias. Não podemos deixar de dizer que a promoção social não chega pela mão do assistencialismo. Sem que se construa o envolvimento e participação da

⁹ Partimos da idéia que uma proposta lúdico-educativa de jogo é aquela em que o coordenador realiza/problematiza a atividade junto ao grupo envolvido obedecendo a uma determinada temporalidade e intencionalidade.

sociedade civil em tais iniciativas, recorrendo a valores reais de igualdade e de socialização, sensibilizando-a quanto aos fatores de segmentação, não poderemos lograr sucesso na consolidação e ampliação de propostas de natureza transformadora. Neste sentido, os poucos espaços conquistados pela educação e pelo lazer na promoção social precisam ser fortalecidos como espaços de luta, o que requer a qualificação/profissionalização dos educadores/agentes de lazer, a articulação entre teoria e prática e/ou intervenção e conhecimento na construção permanente da conscientização, da resistência e de mudanças sociais.

E por tudo o que foi apresentado, nossa pergunta se converte agora em um novo questionamento: Uma intervenção no campo do lazer com setores desprotegidos e/ou excluídos pode gerar ações que apontem para o envolvimento da sociedade na construção de novas políticas de proteção? Possivelmente as respostas sejam muitas e por demais complexas.

Reflexões com Final Aberto...

Embora sem poder responder com precisão algumas de nossas próprias dúvidas, com referência em nossa experiência de observação e participação em tais projetos, certos apontamentos podem ser construídos:

- o trabalho desenvolvido tanto no Projeto Agente como no Projeto Ginga está alicerçado sobre bases conceituais enraizadas na realidade concreta e cotidiana, o que fortalece a ação dos responsáveis por sua execução, garantindo a coerência com os fundamentos de contestação e problematização da realidade que se apresenta;
- os projetos constituem-se em verdadeiros espaços de luta, mas deve-se pensar em como as prioridades vão alcançando níveis de complexidade para que a sociedade tome consciência desta luta e das necessidades de mudanças;
- esta intervenção a partir do campo do lazer encontra-se sintonizada com a ação pedagógica de uma educação física entendida de modo crítica e comprometido com uma educação de qualidade socialmente referenciada;
- existe a formação de um educador, concebido como promotor social e mediador entre a realidade e a apropriação de saberes não alheios à cotidianidade, mas sem alijar-se do mundo científico, nem dos saberes que facilitarão uma leitura crítica da realidade;
- a FEF favorece a formação profissional de estudantes, assim como de educadores populares, críticos de uma realidade objetiva e conscientes de suas possibilidades transformadoras;
- a equipe de trabalho constitui-se como um espaço gerador de discussão e debate, onde se prima pelo respeito ao outro e pela educação coletiva;
- o grupo se forja sobre um hábito dinâmico, permeável à avaliação crítica interna e externa, sustentando-se no conceito de liberdade construída;
- as equipes de trabalho mantêm coerência com o projeto e a proposta pedagógica da FEF.

Por fim, podemos afirmar que em tal intervenção, em todas as suas dimensões e instâncias, visualiza-se sempre a construção e legitimação de uma identidade coletiva, em um processo educativo gerador de verdadeiras e genuínas mudanças, reclamando com alegria e ousadia uma sociedade diferente e possível.

Referências

FREIRE, P. *Conscientização*. São Paulo: Moraes, 1980.

GIORGIS, M. *Antropología: manual de cátedra*. Córdoba: Univ. Nac. de Córdoba, 1994.

MASCARENHAS, F. Niños y niñas en situación de calle: la ríoda de un baculejo. *Recreación*, n.15-16, Córdoba, 2000.

ABSTRACT: This paper intends to explain the active observation in the leisure field with children and adolescent that live under a personal and social situation of risk, this observation has been accomplished by Projeto Agente, in Goiânia this project has resulted from cooperation between Instituto del Profesorado en Educación Física in Córdoba/Argentina and Faculdade de Educação Física / Universidade Federal de Goiás.

KEY-WORDS: Leisure, Education, Childhood, Youth